



# DESERTO AZUL

EDUARDO VERAS

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2018

# Sobre o céu como abismo

(A partir de *Deserto azul*)

## 1.

E o mesmo céu  
é um deserto

**Eduardo Sterzi**, *Aleijão*

Suspensão entre o céu e o mar, flutuando no interior cilíndrico de um avião entre duas imensidões vazias (e azuis), o poeta pensa e recua, preferindo, ante a possibilidade de entregar-se ao fluxo incontrolável dos acontecimentos (e também da linguagem), dar um passo atrás: “respiro fundo antes da palavra”. Escolhe a distância relativa, afirma uma “travessia diurna” que se faz de olhos abertos, apto a perceber o novo, o ainda não-visto, mas em resistência à luz feérica do mundo, seu brilho de pedra falsa. A recusa não é aqui isolamento ou proteção excessiva, higienismo: é crise, seleção, modo de afirmar, quem sabe?, uma ética rigorosa,

que se transforma e expressa também numa estética precisa: lirismo crítico (a partir e em expansão de Jean-Michel Maulpoix). Observar e intervir (nas tramas da língua, na teia espessa dos afetos, naquilo que a cultura literária coloca em circulação), sem se deixar capturar, preservando um espaço interior, criando intervalos entre as energias constrictoras do presente, pequenas zonas de vazio necessário. Representar e refletir liricamente sobre a evidência insuportável do Real: construir máquinas formais, procedimentos, apostar em engrenagens e processos que possam manter o olhar alto e a atenção expectante, os sentidos em alerta e o coração disparado, sem no entanto sucumbir à destruição da queda, ao chamado do chão, ao esmagamento da vontade e da potência. Persistindo na relação (ao mesmo tempo muito antiga, de ressonâncias míticas, mas também eminentemente moderna, posto que técnica) entre poesia e voo: manter-se em suspensão, habitar a turbulência, existir “à flor da fuselagem”, isto é, no limiar entre o dentro e o fora, entre o anteparo e o choque – eis o que parece desejar o poeta, aquilo que se pode perceber, que se deixa ouvir através das nuances da música difícil que produz.

## 2.

a Via-Láctea  
a trilha ao sem fim  
de mim

**Age de Carvalho**, *Ainda: em viagem*

O poema como mergulho minucioso, inspeção do céu interior que há sempre em cavernas, corpos, oceanos. O poema como elogio do escafandro: descida cuidada que se faz com atenção amorosa e que não exclui, antes convoca e destaca, a mediação de procedimentos, técnicas, telas de vidro e aço, arranjos formais: todos, cada um à sua maneira, são modos de acesso possível à matéria movente do mundo, ao “espaço noturno [que] é vasto como alvéolos pulmonares”. O poeta parece afirmar que, sem a terceira ponta de um mecanismo, sem o vértice de uma mediação qualquer, não há relação efetiva com o outro (as muitas faces do real, o dado exterior, a diferença irreduzível que nos cerca): só se pode vê-las, compreendê-las (propor o seu sentido, absorvê-las) de fato indiretamente – estímulos sensíveis e afetos atravessados pela razão. “Telescópios (...) satélites, observatórios”, instrumentos de observação e

conhecimento, fazem às vezes, no tecido dos poemas, do ritmo expansivo e respirável da prosa, da insistência das repetições, da sobriedade de frases e versos substantivos, da lição de coisas que neles vão. E são, assim como sismógrafos, bússolas e pás, objetos de busca e exploração que permitem remexer também em si, não apenas a terra ao redor. O aspecto reflexivo dos textos, a força que neles trabalha por reter e desvelar é ambígua e multidirecional: quer espriar-se, avançar sobre o espaço e percorre-lo, apropriando-se dos seus detalhes, desdobrando-os em nomes e sensações, ao mesmo tempo em que se volta antes sobre si, reconhecendo que o desconhecido e o inumerável igualmente ali existem. É o paradoxo que estrutura as imagens: “olhar para dentro tão fundo”, ou ainda a “Via-Láctea no fundo dos olhos”, um modo para sempre indeterminado de percepção: é saber-se a si receptáculo do cosmos e notar, no universo mesmo, as partes ínfimas, insignificantes que o compõe.

### 3.

a palavra volátil  
que dê perspectiva ao vazio onde ainda  
caberia um mundo

**Marcos Siscar**, *Manual de flutuação para  
amadores*

Arquitetura delicada, o poema, aqui, quer ter a solidez da argila. Nem a dureza impenetrável do mármore, nem a porosidade da madeira: a consistência simples do barro, “língua de barro”, terra úmida, algo entre a opacidade absoluta e a fragilidade total. O ato da escrita como um “esporte sem regras”, isto é, uma atividade ordenada, regular, mas que preserva uma nota qualquer de liberdade, do elemento instável que existe entre o que é sólido, fechado em si, e o que é líquido, pura passagem. A palavra poética, portanto, como matéria vertente, metal dúctil que se desdobra e organiza de diferentes maneiras, sempre pronto a assumir uma forma provisória, volátil. A aparente organização plena do livro sugere domínio, força que pacifica as formas em ebulição e as faz dizer aquilo que o poeta deseja. Nada mais inexato. A afirmação da criticidade e a exposição das linhas

gerais do projeto, assinaladas em autorrelevo, evidentes e apontando para a consciência que quer dirigir o impulso criativo, podem indicar um arredondamento da forma, uma certeza de objetivos que os poemas, lidos um a um, não têm. Muitos confessam os seus limites, revelam a maquinaria imperfeita que os coloca em movimento. O barro é o seu horizonte e símile mais preciso, posto que querem durar, erigir-se num molde claro, ainda que saibam sua condição terrosa. Despojada e melancólica, como tudo o que vem da terra e a ela sabe pertencer. Se há um desejo demiúrgico aqui, a criação afirmativa de um universo de artifícios no qual a vida dos poemas se sustenta; se há a proposição de uma ética da representação que submete, ou procura submeter, o pensamento e a linguagem, isso no entanto não deve obscurecer o dado precário, o plano de voo baixo, a condição “insustentavelmente leve” desses textos, cujo peso racional e estudado, cuja couraça protetora não isola o sujeito da escrita nem mesmo transforma alquimicamente o mundo, mascarando assim a sua condição inicial, fenomenológica. O que vão aqui, neste livro, são “palavras contra a evidência do céu” – *deserto azul* – tentativas de atribuir significado àquilo que, pura presença, resiste como

monolito à vontade de sentido, ao impulso de captura e compreensão. O tema insistente da queda, que tanto parece fascinar o poeta e inegavelmente mobiliza a sua atenção, atuando como uma espécie de contraparte lógica ao voo, à nostalgia da altura que por certo atravessa os poemas (mesmo que se trate de voo raso, ainda assim é um corpo que se sustenta no ar, milagre do Espírito e “questão de aerodinâmica”), é assimilado, talvez, naquilo que tem de terreno, mundano, pedestre. Os ecos místicos, é certo, apontam para outro lugar: para a morte, o silêncio, o castigo. Resultado do excesso, consequência terrível. É possível, contudo, que seja ainda uma última forma de apego e defesa do que é rasteiro: além de advertência, soe como reconhecimento de que tudo é queda, tudo – e todos – erguem-se acima do chão para em algum momento voltar ao chão, ao acolhimento da terra e aos mistérios que, mais que o céu, ela guarda e promete.

### **Gustavo Silveira Ribeiro**

Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui mestrado em Estudos Literários e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor adjunto da UFMG.



---

AUTOR  
[eduardohnveras@gmail.com](mailto:eduardohnveras@gmail.com)  
[facebook.com/eduardo.nassif.3](https://www.facebook.com/eduardo.nassif.3)

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

Composto em Arno e impresso  
em Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup> em São Paulo  
para Editora Penalux, em Fevereiro 2018.